

Mecanismos hipertextuais do chat: marcas de um novo gênero

Júlio César Rosa de Araújo
Universidade Federal do Ceará

ABSTRACT: Starting from the description on hypertextual mechanisms, our paper points out chat like a genre of speech once it presents itself like a sentence with relative stability and it's part of a complex sphere of human communication (Bakhtin).

PALAVRAS-CHAVE: esfera; gênero; chat.

1. Introdução

A comunicação intermediada pelo computador tem atraído cada vez mais a curiosidade de pesquisadores interessados em estudar a relação linguagem/tecnologia. Vários têm sido o enfoque dado. O nosso se direciona para a lingüística textual, mais precisamente para a análise de gêneros a partir da perspectiva bakhtiniana.

Nosso artigo tem como objetivo participar da discussão a respeito dos gêneros emergentes do meio virtual. Para tanto, buscará descrever alguns mecanismos hipertextuais que imprimem no *chat* regularidades tão notórias que sinalizam para o surgimento de um novo gênero que emerge da *Web* trazendo consigo marcas próprias dessa esfera eletrônica.

2. Pressupostos teóricos

Bakhtin (1981)¹ não vê a língua e o indivíduo em lados opostos, pois este sempre deixará sua marca de locutor na utilização daquela. Uma visão contrária a esta promoveria uma descontextualização da língua em relação ao uso. Assim, a língua não conseguiria abarcar os elementos próprios do uso, o que, para este autor, não passaria de “*uma abstração científica*” (Bakhtin, 1981: 127). Esta maneira de conceber a língua como um lugar de interação corrobora o fato de que a mesma é tão mutável quanto o homem que a utiliza para satisfazer suas “*necessidades enunciativas*”.

Mais tarde, o mesmo autor atrelará as necessidades enunciativas à noção de “*esfera complexa de comunicação humana*” (Bakhtin, 1997)². Subjacentes a noção de esfera estão a de gêneros do discurso e a de transmutação, as quais muito irão interessar a este nosso trabalho. Como exemplo de esferas o autor cita a artística, a científica, a sociopolítica, etc.

Na visão bakhtiniana, as esferas, por constituírem um espaço heterogêneo e conflitante de práticas comunicativas, propiciarão infinitas formas de comunicação. Serão essas formas que Bakhtin irá chamar de gêneros do discurso ou de enunciado. Quanto mais se complexificarem as esferas mais complexas serão as formas genéricas que organizam a comunicação humana dentro delas.

E como o uso da língua refletirá, lingüisticamente, as marcas da esfera, Bakhtin (1997) defende que pode ocorrer uma transmutação de um gênero para o outro. Sob esta visão, o autor dividirá os gêneros do discurso em simples, ou primários e complexos, ou secundários. Os primeiros se referem às formas genéricas que organizam a comunicação em situações espontâneas, enquanto que os secundários “*aparecem em circunstâncias de uma comunicação mais complexa e (...) evoluída, principalmente escrita*” (p. 281). Como exemplo de gênero primário, o autor aponta o “*diálogo cotidiano*” e de complexo aponta para o “*romance, o discurso científico*”, entre outros.

A transmutação é ilustrada por Bakhtin através da

inserção da réplica de um diálogo cotidiano em um romance. Ora, se o romance é uma forma genérica advinda de uma esfera complexa de comunicação, que é a artística, evidentemente este trará as “*condições específicas da esfera*” (p.279) da qual procedera. Para este autor, o romance reinterpreta e assume para si as características do diálogo que agora foi transmutado, complexificando a comunicação. Ainda que as marcas do diálogo continuem, estas ascendem ao *status* de um gênero secundário, haja vista pertencer agora a uma nova esfera.

3. A complexificação da esfera eletrônica

A comunicação intermediada pelo computador tem sido cada vez mais constante. Evidentemente a prática comunicativa através deste suporte não foi sempre assim. Os primeiros computadores surgiram nos EUA e na Inglaterra e segundo Lévy (2000)³ eram máquinas gigantescas e sem monitor. Permaneceram dessa maneira até a década de 60. Na de 70 os *modems* eram, além de caríssimos, muito volumosos. No final dos anos 80, contudo, o computador deixa de ser apenas um recurso de processar dados e se descobre nele um lugar também propício à interação humana e os *modems* se tornam compactos, podendo ser hospedados nas placas internas da máquina.

A emergência desses recursos e o aparecimento de outros tão comuns ao nosso cotidiano como o teclado, o *mouse*, e os evoluídos *softwares* voltados para a comunicação possibilitaram uma complexificação desse espaço de comunicação humana que foi, paulatinamente, ficando cada vez mais comum em nossa sociedade de modo que as práticas comunicativas passaram a se organizar em novos gêneros, conforme já perceberam autores como Xavier (2000), Abreu (2002) e Marcuschi (2000; 2002; 2002a) Entre esses gêneros, nosso trabalho se ocupa dos *chats* ou dos famosos bate-papos virtuais como os chama Marcuschi (2000).

Assim como a inserção do diálogo cotidiano, numa esfera mais complexa como a artística, provoca uma mudança de gênero, consideramos, neste trabalho, que quando este se insere numa esfera eletrônica como a *Web*, naturalmente ocorrerá também uma transmutação evidente.

Talvez a primeira característica a ser observada é que o diálogo se dará em tempo real e por meio da escrita, ainda que muitas marcas de oralidade possam ser observáveis. Essa primeira constatação já nos autoriza a afirmar que o uso imbricado das duas modalidades da língua torna esse objeto um tanto complexo.

Além disso, há outros elementos que o complexificam ainda mais. Trata-se de uma intersemiose muito intensa que ocorre neste tipo de comunicação. Além da escrita com marcas de oralidade, o som e a imagem passam a fazer parte constitutiva desse gênero. Este estudo se ocupa, de forma especial, das marcas da intersemiose, deixando a descrição de elementos lingüísticos para posteriores investigações.

4. Intersemiose no chat: descrevendo as marcas da transmutação

À intersemiose, marcada pelo uso de som, imagem e escrita, estamos chamando, neste trabalho, de mecanismos

¹ Estamos usando a edição de 1981. A publicação original é de 1929.

² Estamos usando a edição de 1997. A publicação original é de 1953.

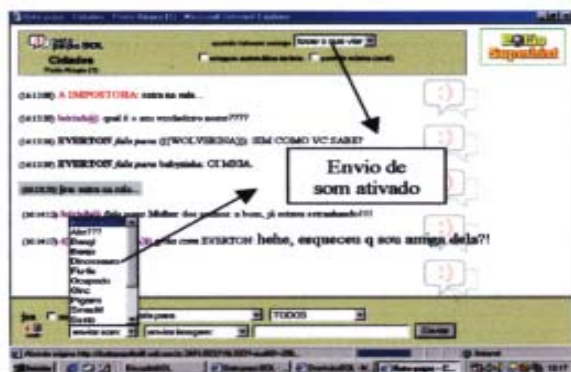
³ Estamos usando a edição de 2000. A publicação original é de 1997.

hipertextuais por ser essa uma das muitas características do hipertexto. E por ser o *chat* uma das manifestações genéricas desse modo de enunciação digital, julgamos pertinente tal denominação.

Os mecanismos hipertextuais do *chat* são recursos operacionais que, quando ativados pelos usuários, imprimem uma certa regularidade nesse gênero. Marcas são projetadas na tela transmutando o som, a imagem e a escrita para uma outra esfera de comunicação de modo que os elementos escritos, sonoros e visuais não competem entre si, mas representam marcas de um novo gênero que absorveu características de outros.

Na tela 01, abaixo, retirada de um bate-papo do provedor **Bol**, podemos verificar que o recurso de enviar o som está ativado.

Tela 01



Este mecanismo de envio de som, quando ativado, se anexa à mensagem que será escrita numa “espécie” de formulaço próprio. Caso o parceiro tenha em seu computador o “*ki*” multimídia este ouvirá o som enviado que pode ser o de um beijo, o da interjeição Ahn???, indicando uma pergunta, um assobio, um pigarro, entre outros sons que podem assumir relevância na mensagem enviada. A seta que vem de cima ligada a um quadradinho com a mensagem “*quando falarem comigo toca o que vier*” indica um sinal de alerta. Quando o usuário estiver com outras “*janelas*” da *Web* aberta enquanto também participa de um *chat* poderá ser avisado pelo provedor quando chegar mensagem para ele através de sons como o toque de um *bip*, de um instrumento musical, de um telefone, entre outros. Este mecanismo é também observado por Marcuschi (2002a) e por ele chamado de “*sistema de alerta*” (p. 24).

Na tela 02, retirada do provedor **Globo.com** poderemos observar o mecanismo de envio de imagens ou *emoticons* ativado.

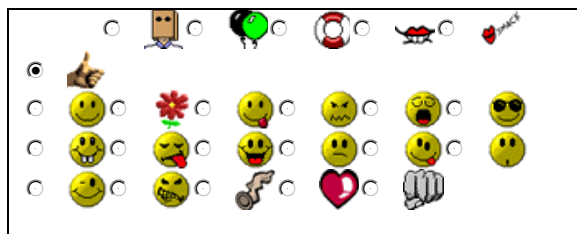
Tela 02



Nesta tela, além de ser possível observar uma imagem em uso, podemos também observar que a “*janela*” que contém a lista das imagens está ativada. O uso desse mecanismo não se restringe apenas a colorir a tela, mas está intrinsecamente ligado a negociação do sentido entre os parceiros da interação. Uma lista de opções de imagens seguidas de seu significado fica à

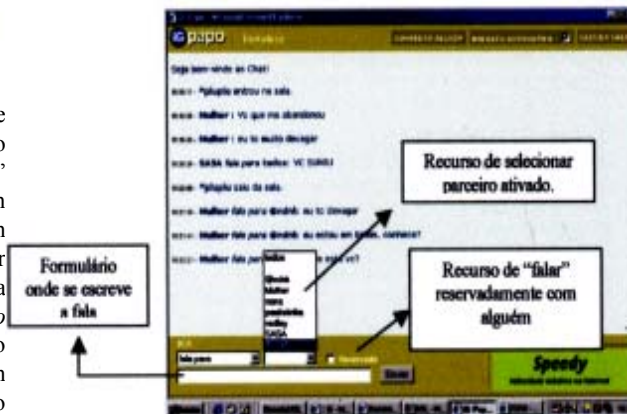
disposição dos usuários, os quais farão uso coerente, pois o som, a imagem e a mensagem escrita irão compor um todo discursivo. Na tela acima, podemos verificar que existem imagens para dar conta dos seguintes estados de espírito: apaixonado, enojado, estressado, entre outros. No quadro 01, abaixo, reunimos, a título de ilustração, algumas imagens utilizadas no *chat* do provedor **Uol**.

Quadro 01



Além do uso do som e da imagem, um outro mecanismo que se apresenta como opção para os que se comunicam nesse gênero é a possibilidade de se escolher o parceiro para conversar. Este mecanismo hipertextual também pode permitir que o usuário se isole na sala com alguém escolhido. A tela 03, retirado *chat* do provedor **Ig**, evidencia este mecanismo ativado.

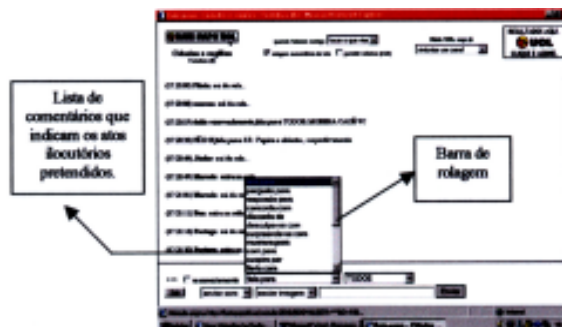
Tela 03



Na tela 03 acima, ativamos a janela que contém a lista dos *nicknames*. Para se escolher com quem “falar”, basta clicar com *mouse* em cima do apelido desejado. Caso a mensagem seja endereçada a toda sala, basta clicar na opção “*todos*”. Se a mensagem, a ser enviada, assume caráter de segredo e a sala não pode conhecer seu conteúdo, o internauta conta com a opção de “*teclar reservadamente*”. Isto é possível apenas com um clique de *mouse* em cima do quadradinho que indica tal recurso.

Na tela 04, retirada do provedor **Uol**, podemos observar ainda um outro mecanismo bastante interessante. Trata-se da possibilidade de escolha que o internauta tem em relação ao ato ilocutório que pretende dar sua “fala escrita”.

Tela 04



O mecanismo ilustrado na tela acima é muito importante no *chat*, pois ele ajuda a melhorar a compreensão entre os

interlocutores. Para ativá-lo, basta clicar com o *mouse* no começo da “*barra de rolagem*”. Após o clique, imediatamente, se abre uma janela, contendo uma lista de comentários como: “*fala para, responde para, concorda com, discorda de, desculpa-se com, surpreende-se com, murmura para, sorri para*”, entre muitos outros comentários.

Como se trata de uma comunicação intermediada pelo computador, é natural que os *softwares*, criados para permitir e facilitar este tipo de interação, apresentem mecanismos ou recursos como os que estamos descrevendo neste estudo. Estes mecanismos certamente aproximam muito o *chat* de uma réplica do diálogo cotidiano (Bakhtin, 1997), no entanto por tudo o que já mostramos acima, trata-se de um novo gênero do discurso.

5. Considerações finais

Como se pode constatar, neste estudo, o *chat* é um gênero de discurso que vem de uma esfera complexa de comunicação humana, que é a *Web*. Se a *Web* apresenta características peculiares como o jogo intenso de intersemiose entre som, imagem e escrita, é natural que seus gêneros apresentem também características similares.

Os mecanismos que descrevemos, neste trabalho, imprimem regularidades no *chat* de modo que afirmar que estamos diante de um gênero emergente não seria prematuro. No entanto, acreditamos que esse gênero, por ser novo, ainda está se estabelecendo. E como o suporte que o veicula é marcado por uma dinamicidade muito grande, consideramos perigoso fechar qualquer classificação. O estudo ainda está em desenvolvimento e, por isto, acreditamos que muitas outras marcas poderão ser estudadas. De qualquer modo, foi nosso objetivo contribuir com o debate acerca dos gêneros emergente já instaurado entre os lingüistas.

6. Referências bibliográficas

- ABREU, L. S. (2002). O *chat* educacional: o professor diante desse gênero emergente. In.: DIONÍSIO, A. et al. (org.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp. 19-36.
- BAKHTIN, Mikhail. (1981) *Marxismo e a filosofia da linguagem*. Trad. de M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec.
- _____. (1997). Os gêneros do discurso. In. _____ *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 227-326.
- Lévy, P. (1997). *Cibercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa, Editora 34.
- MARCUSCHI, L. A. (2000). *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Universidade Federal de Pernambuco. Texto inédito.
- _____. (2002). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In.: DIONÍSIO, A. et al. (org.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp. 19-36.
- _____. (2002a). *Gêneros textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital*. Conferência apresentada na USP por ocasião do GEL – Grupo De Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo acontecido entre os dias 23-25 de maio.
- XAVIER, A. C. & SANTOS, C. F. (2000). *O texto eletrônico e os gêneros do discurso*. In. Veredas – revista de estudos lingüísticos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). V.4, n. 1, jan/jun. pp. 51-57.